

---

DOI: <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v7n2p9-36>

## **A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

## **THE IMPORTANCE OF ENTREPRENEURIAL EDUCATION IN ELEMENTARY SCHOOL I**

**Luana Braz Nunes de Oliveira<sup>1</sup>**  
**Marcos Antonio Ribeiro Andrade<sup>2</sup>**

**Resumo:** Devido a sua importância para a sociedade, o empreendedorismo é um tema fundamental a ser trabalhado nas escolas. As crianças já trazem consigo uma curiosidade ao conhecer o novo, o ensino empreendedor nas escolas pode despertar a criatividade e muitas outras competências. Tendo esses pressupostos estabelecidos, esta pesquisa tem como objetivo compreender como a educação empreendedora pode influenciar e desenvolver competências e habilidades em estudantes do ensino fundamental. Assim, tem-se a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma a educação empreendedora pode desenvolver Competências, Habilidades e Atitudes em alunos do ensino fundamental? As crianças possuem um saber que são muitas vezes desvalorizados no dia a dia dos adultos, porém, é importante valorizar sua criatividade, rebeldia e sonhos. Para atingir os objetivos propostos a metodologia aplicada foi de caráter teórico empírico e de ordem primária. O trabalho apresenta características bibliográficas, estudo de caso e pesquisa de campo. Já a amostra foi realizada por conveniência, haja vista que não é uma disciplina comum às escolas.

**Palavras Chave:** Empreendedorismo. Educação. Ensino Fundamental. Criatividade.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia - Faculdades Integradas Maria Thereza (2020). Professora Auxiliar no Colégio São Vicente de Paulo.

<sup>2</sup> Mestre em Administração pelo Programa de Mestrado Acadêmico em Administração da Universidade Vale do Itajaí (2007). Possui Graduação em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí (2003), Graduação em andamento em Psicologia pela Famath (desde o início de 2019), Especialização em Gestão Organizacional (2005) e Especialização em Didática do Ensino Superior (2006), pela Universidade do Vale do Itajaí. Especialização em andamento em Neuropsicologia pela Famath. Atualmente é professor dos cursos de graduação em Administração e em Pedagogia da Faculdade Maria Thereza - FAMATH - Niterói - RJ.

**Abstract:** Due to its importance for society, entrepreneurship is a fundamental theme to be worked on in schools. Children already bring with them a curiosity to know the new, entrepreneurial education in schools can awaken creativity and many other competencies. Having these assumptions established, this research aims to understand how entrepreneurship education can influence and develop skills and abilities in elementary school students. Thus, we have the following research question: in what ways can entrepreneurial education develop Competencies, Skills, and Attitudes in elementary school students? Children have knowledge that is often undervalued in the daily lives of adults, but it is important to value their creativity, rebelliousness, and dreams. To reach the proposed objectives, the methodology applied was empirical and theoretical of primary order. The study presents bibliographical, case study, and field research characteristics. The sample was carried out by convenience, since it is not a common subject in schools.

**Keywords:** Entrepreneurship. Education. Elementary School. Creativity.

Recebido em: 29/12/2022  
Aceito em: 11/04/2023

## **1 INTRODUÇÃO**

Na Europa do século XVII os empreendedores eram considerados pessoas diferenciadas, por controlarem a economia. Já no Brasil, na mesma época, o expoente mais conhecido foi o Barão de Mauá, devido suas obras e projetos comerciais, sendo a mais importante a rodovia pavimentada que liga Petrópolis a Juiz de Fora, construída em 1856. Mas foi na Revolução Industrial na Grã Bretanha, no século XIX e início do século XX, que teve seu desenvolvimento.

Dessa forma, é comum relacionar esse tema apenas ao ato de criar empresas, mas empreender também é realizar com originalidade algum projeto pessoal, adicionar valor e saber reconhecer oportunidades de transformar (SOUZA, PEREIRA, MANGIAPAN, MENDONÇA, 2018).

A palavra empreendedor (entrepreneur) vem do francês e quer dizer aquela pessoa que assume risco e começa algo novo, no entanto, a palavra empreendedorismo vem apresentando mudanças em seu entendimento no decorrer dos anos. De acordo com Verga e Silva (2014), na Idade Média esse termo referia-se a quem participava ou zelava por grandes projetos. O campo do empreendedorismo relacionado notadamente à inovação foi iniciado, segundo Filion (1999), por Schumpeter (1883- 1950).

No Brasil, o empreendedorismo começou a ser discutido com intensidade no final dos anos 1990. Assim, no cenário atual de uma economia globalizada que gera competitividade, o mesmo é um forte impulsionador de empregos e crescimento econômico (NASSIF; GHOBRI; AMARAL, 2009).

Por outro lado, segundo Rocha (2014), com o desemprego nota-se que muitos empreendem pela necessidade de sustento. Porém, criar um negócio por obrigação pode levar ao insucesso por falta de organização e conhecimento na área. Portanto, devido a importância do empreendedorismo para a sociedade, esse é um tema fundamental a ser trabalhado nas escolas. Segundo Amorim (2018), essa educação pode contribuir para formar pessoas capazes de transformar o meio em que vivem. As crianças já trazem consigo uma curiosidade ao conhecer o novo, o ensino empreendedor nas escolas pode despertar a criatividade e muitas outras competências.

Segundo Dolabela (2003) “a educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura”. É possível desenvolver habilidades empreendedoras em um espaço que permita uma aprendizagem na qual tenha a criança como guia e por meio de uma cultura propagada na sala de aula ( DOLABELA 2003).

Tendo esses pressupostos estabelecidos, esta pesquisa tem como objetivo compreender como a educação empreendedora pode influenciar e desenvolver competências e habilidades em estudantes do ensino fundamental. Dessa forma, a literatura vem mostrando que trabalhar a cultura empreendedora com crianças de todas as idades faz com que essas possam desenvolver habilidades, competências e atitudes para o mundo do empreendedorismo. De acordo com a BNCC, no 4º ano já poderiam ter contato com o sistema monetário. Além disso, nessa etapa muitos estudantes já estão conversando sobre tipos de profissões e sonhos. Assim, tem-se a seguinte pergunta de pesquisa: De que forma a educação empreendedora pode desenvolver Competências, Habilidades e Atitudes em alunos do ensino fundamental?

Dessa maneira, a educação empreendedora pretende permitir o direito de sonhar e de enxergar maneiras de realizar os sonhos, não deixando que o lado empreendedor que existe em cada criança seja reprimido. Essas crianças possuem um saber que são muitas vezes desvalorizados no dia a dia dos adultos, porém, é importante valorizar sua criatividade, rebeldia e sonhos. (DOLABELA, 2003)

## **2 O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL I**

Muito se tem discutido a respeito da possibilidade de ensinar a ser empreendedor, é comum observar muitas pessoas afirmarem que os empreendedores nascem prontos, ou seja, nascem com o dom de empreender. No entanto, em virtude do que foi descrito por Lopes (2010), muitos especialistas e instituições do Consórcio para a Educação Empreendedora de 2004 (*Consortium for Entrepreneurship Education, 2004*) afirmam que a atitude e o comportamento empreendedor podem ser fomentados por meio de um processo de aprendizagem

durante toda a trajetória do homem.

Dolabela (2003) corrobora no sentido de que o ensino do empreendedorismo deve começar na mais nova idade, propagando uma cultura para impulsionar a capacidade empreendedora.

Na vida aprendi que todos nascemos empreendedores e que, se deixamos de sê-lo mais tarde, isso se deve à exposição a valores antiempreendedores na educação, nas relações sociais, no “figurino cultural” conservador a que somos submetidos. Lidar com crianças, portanto, é lidar com autênticos empreendedores ainda não contaminados por esses valores. (DOLABELA, 2003, p. 16)

A partir do discurso apresentado, nota-se que os indivíduos nascem com a capacidade empreendedora, as crianças desde pequenas apresentam muita criatividade e imaginação, se expostas a essa educação na mais tenra idade pode-se impedir que as crianças tornem-se prisioneiras de valores sociais tradicionais que não incentivam, por exemplo, a autonomia, o direito de sonhar, atitudes e habilidades empreendedoras.

Segundo Kramer (1999) a educação infantil tem um papel importante no desenvolvimento humano e social, e para isso é preciso que a criança não seja vista como uma semente, mas como um indivíduo criador de cultura. Dessa forma, pode-se notar a importância de trabalhar a pedagogia empreendedora já nessa fase, criando, desconstruindo, sonhando, brincando e despertando autonomia.

Contudo, na ótica de Lopes e Teixeira (2010), começar mais cedo significa ter mais oportunidades de propiciar o desenvolvimento de competências, começando no ensino infantil, seguindo para o ensino fundamental e nos níveis posteriores de educação.

No ensino fundamental, Lopes e Teixeira (2010) destacam que o Consórcio para a Educação Empreendedora (*Consortium for Entrepreneurship Education*, 2004) aponta que o ensino do empreendedorismo deve enfatizar no desenvolvimento de qualidades e competências pessoais e em informar os alunos sobre as alternativas de carreira de auto emprego e empreendedora, realçando a importância da exposição dos alunos a situações reais que forneçam a chance de administrar, arriscar e aprender com os resultados das próprias ações.

No entanto, é importante ressaltar que a geração do espírito

empreendedor não diz respeito somente ao autoemprego ou a criação de empresas. Assim como relata Dolabela (2003):

Não se trata, portanto, de vincular o espírito empreendedor exclusivamente às atividades de criação de empresa ou de geração de autoemprego. Não se propõe orientar ou induzir o educando a adotar uma determinada atividade, ação, profissão, trabalho. Fala-se em ser empreendedor e em evitar que esse potencial seja aprisionado e talvez destruído ( DOLABELA, 2003, p.36).

O autor entende que o espírito empreendedor tem seu início nas práticas sociais de determinado grupo, no seu sistema de crenças e valores. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) deve orientar os currículos dos sistemas de ensino e as propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas de Educação infantil, Educação Fundamental e Ensino Médio.

Portanto, de acordo com a BNCC “competência é definida como a mobilização de conhecimentos, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. A Base elaborou 10 competências para a educação básica demonstrados no Quadro 1:

Quadro 1: Competências para a Educação Básica

1. Conhecimento Valorizar e utilizar os conhecimentos sobre o mundo físico, sobre o mundo físico, social, cultural e digital.	6. Trabalho e projeto de vida Valorizar e apropriar-se de conhecimentos e experiências.
2. Pensamento científico, crítico e criativo Exercitar a curiosidade intelectual e utilizar as ciências com criticidade e criatividade.	7. Argumentação Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis.
3. Repertório Cultural Valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais.	8. Autoconhecimento e autocuidado Conhecer-se, compreender-se na diversidade humana e apreciar-se.

4. Comunicação Utilizar diferentes linguagens.	9. Empatia e Cooperação Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação.
5. Cultura digital Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética.	10. Responsabilidade e cidadania Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação.

Fonte: Porvir.org (2018)

De acordo com Moraes (2019), embora a BNCC e a LDB não cite claramente sobre “empreendedorismo” em seus documentos, parece possível fazer uma associação entre as competências definidas pela BNCC e algumas competências empreendedoras, que para Dolabela (2003) “[...] podem ser despertados pela emoção gerada na busca de realização do sonho”. Nesse contexto, ele cita a criatividade, iniciativa, imaginação, protagonismo, comprometimento, orientação para o futuro, entre outros. Nesse cenário, a educação empreendedora pode ser um complemento da educação formal.

Este trabalho tem como foco o ensino do empreendedorismo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nesta etapa a literatura aponta que há um amadurecimento nas crianças e preparação para nova etapa da vida. Nessa etapa os professores avisam diariamente aos alunos sobre as responsabilidades que terão na transição para próxima série, como por exemplo, cada matéria com um professor e 50 minutos de aula, mesmo sem querer, uma interferência negativa por parte do educador pode desencadear uma repulsa à nova etapa escolar (PAULA; PRACI, *et al.*, 2018).

Segundo Andrade (2011), as crianças de 10 anos e 11 anos, ao entrarem na puberdade, passam por muitas transformações físicas e emocionais. Sendo assim, é possível notar que é uma etapa com muitas mudanças e transições na vida dessas crianças, em que os professores e seus familiares devem estar presentes com cautela. Por outro lado, os alunos do Ensino Fundamental já sonham e imaginam profissões. Também é muito comum escutar frases como “Qual é o seu sonho?” “O que você vai querer ser quando crescer?”. Ademais, já possuem uma consciência econômica já que, conforme a BNCC nos anos iniciais:

Nessa fase, as habilidades matemáticas que os alunos devem desenvolver não podem ficar restritas à aprendizagem dos algoritmos das chamadas “quatro operações”, apesar de sua importância. No que diz respeito ao cálculo, é necessário acrescentar, à realização dos algoritmos das operações, a habilidade de efetuar cálculos mentalmente, fazer estimativas, usar calculadora e, ainda, para decidir quando é apropriado usar um ou outro procedimento de cálculo. (BNCC, 2017, p. 276)

O mesmo referencial teórico ainda aponta que uma das habilidades para o 4º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de matemática, é “Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável”. (BNCC, 2017)

Dolabela (2003) descreve o ciclo de aprendizagem da seguinte maneira: primeiro o aluno desenvolve um sonho, de caráter individual determinado pelos valores da cultura a que pertence o sonhador, depois deve procurar maneiras de concretizar esses sonhos e, para isso, o estudante se vê motivado a aprender o necessário a esse objetivo.

Portanto, é importante que nessa idade essas crianças desenvolvam a habilidade de reconhecer oportunidades, de criar novas ideias, de pensar de forma criativa, e de resolver problemas.

## 2.1 JOVENS EMPREENDEDORES PRIMEIROS PASSOS-JEPP

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) oferece o curso Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP) para alunos do Ensino Fundamental, incentivando o desenvolvimento do autoconhecimento, novas aprendizagens e o espírito de coletividade. Sua visão é baseada nos quatro pilares da Unesco: “Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser”. (UNESCO, 2010)

O primeiro é o aprender a conhecer, ou seja, aprender a construir o conhecimento, treinando a atenção, a memória, a concentração e o interesse por novas informações. É importante que desde a mais nova idade as crianças sejam estimuladas a prestar atenção, buscar novos conhecimentos e os professores podem auxiliar trazendo jogos e atividades diferentes que trabalham essas

questões. (UNESCO, 2010)

O segundo é o aprender a fazer, que está relacionado à formação profissional, e também em incentivar os alunos a colocarem a teoria na prática. Exercitando o pensamento crítico, a tomada de decisões e solucionar problemas. (UNESCO, 2010)

O terceiro é o aprender a viver juntos, ou seja, a conviver, a cooperar com o outro. Ensinar a lidar com as diferenças e a respeitá-las. Segundo a UNESCO (2010) “É de louvar a ideia de ensinar a não- violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos”. Na escola as crianças lidam com o outro, e com culturas diferentes desde cedo, portanto, além da família, a escola também pode mediar e propiciar o reconhecimento do outro.

O quarto é o aprender a ser, que está relacionado ao desenvolvimento da autonomia, criticidade, inteligência, comprometimento, personalidade dos alunos. Oportunizando as crianças de experimentarem coisas novas, como as artes, esportes, entre outros. (UNESCO, 2010)

Segundo o SEBRAE, para cada série do ensino fundamental o JEPP tem um planejamento, através de atividades lúdicas, o espaço de aprendizagem influencia os alunos a assumirem riscos, a tomarem decisões e a terem um olhar atento para que possam identificar oportunidades de inovar a sua volta, mesmo em situações desafiadoras. O programa conta com nove cursos, como mostra no quadro 2:

Quadro 2 : Cursos do JEPP

1º ano do ensino fundamental: O mundo das ervas aromáticas	26 horas de aplicação com os estudantes
2º ano do ensino fundamental: Temperos naturais	24 horas de aplicação com os estudantes
3º ano do ensino fundamental: Oficina de brinquedos ecológicos	26 horas de aplicação com os estudantes
4º ano do ensino fundamental: Locadora de produtos	22 horas de aplicação com os estudantes

5º ano do ensino fundamental: Sabores de cores	22 horas de aplicação com os estudantes
6º ano do ensino fundamental: Ecopapelaria	30 horas de aplicação com os estudantes
7º ano do ensino fundamental: Artesanato sustentável	30 horas de aplicação com os estudantes
8º ano do ensino fundamental: Empreendedorismo social	30 horas de aplicação com os estudantes
9º ano do ensino fundamental: Novas ideias, grandes negócios.	25 horas de aplicação com os estudantes

Fonte: Sebrae (2020)

Portanto, a instituição de ensino que apresentar interesse em trabalhar com o JEPP e realizar a capacitação dos professores, precisa entrar em contato com o SEBRAE ou com a Secretaria Municipal de educação. (SEBRAE)

### 3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E EDUCAÇÃO ESCOLAR

É habitual escutar algumas pessoas ou até mesmo professores que trabalham ou já trabalharam com crianças dizer frases que privam as crianças de sonhar, como por exemplo: “Essa criança está sonhando alto demais”, “Essa criança precisa desenvolver outro sonho”. No entanto, quem tem o direito de definir o tamanho e o sonho de cada um? Assim como afirma Dolabela (2003), é possível perceber que em algumas situações, a escola se delega em fazer a criança compreender que a educação separa, exclui e impõe limites. Destaca que:

[...] no Brasil, a educação empreendedora deve incluir necessariamente o aumento da capacidade de gerar capital social e capital humano. Se não for assim, continuaremos a negar a participação de grandes camadas da população no processo de gerar renda e usufruir das riquezas” (DOLABELA, 2003, p. 18)

Dessa forma, é notório que a educação empreendedora no Brasil precisa  
LexCult, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 9-36, maio/ago. 2023

focar em um desenvolvimento social e humano, de forma includente. O capital humano é o desenvolvimento de habilidades, atitudes, potencialidades, capacidade de gerar novos conhecimentos e de inovar, o capital social é a capacidade dos integrantes de uma comunidade de se associarem para resolverem conflitos. (Dolabela, 2003) O quadro 3 apresenta algumas características empreendedoras segundo Dolabela (2008) e Pedro (2007):

Quadro 3: Habilidades e Características Empreendedoras

Iniciativa	Sonhador
Criatividade	Inovador
Rebeldia a padrões impostos	Autonomia
Comprometimento	Aptidões
Liderança	Autoestima
Imaginação	Identificar novas oportunidades
Orientação para o futuro	Resolver problemas
Capacidade de diferenciar-se	Capacidade de buscar
Perseverança	Autoconfiança
Proatividade	Tolerância a riscos e incertezas

Fonte: Adaptado de Dolabela (2008) e Pedro (2007)

A educação é um processo fundamental de transferência cultural e estrutural do ser humano que inclui a passagem da língua, dos valores, e particularidades que um pai passa para o filho, no entanto, no meio universitário usa-se a palavra socialização para esse processo, que inclui a educação formal e informal. Porém, assim como o autor corrobora, a educação formal é aquela que pode ser direcionada através de planejamento e objetivo (LAVIERI 2010).

A escola, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), tem como função social formar o cidadão assim como descrito no Artigo 22: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e LexCult, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 9-36, maio/ago. 2023

fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (LDB, 1996)

De acordo com Lopes e Teixeira (2010) as pesquisas apontam que quanto mais instruído for o empreendedor mais chances ele terá de empreender a partir de uma oportunidade. O oposto acontece com os menos preparados, que normalmente direciona suas ações por necessidades de sobrevivência. A partir deste pressuposto é possível notar a importância da educação formal e da educação empreendedora, a autora afirma que estas possuem como objetivo o desenvolvimento de crenças, atitudes, habilidades e conhecimentos.

Segundo Dolabela (2003), a Pedagogia empreendedora é um método para o desenvolvimento da capacidade, que utiliza a “Teoria Empreendedora dos Sonhos”, com o objetivo de estimular o sonho e preparar os estudantes a busca de seus sonhos. Cada indivíduo possui seus desejos, vontades, fantasias, idealizações, caprichos e opiniões próprias, ao idealizar um sonho e ter oportunidade de traçar um caminho que o leve à auto realização desse desejo, promove a vontade pelo conhecimento e instiga a criatividade.

Nessa perspectiva, o autor acredita que a importância do professor é otimizada, visto que é ele quem irá aumentar as referências de aprendizado e redirecionar o próprio conceito do conhecimento. É o professor que irá tornar o ambiente propício para o estudante construir seu próprio aprendizado, com atividades que levem - os a pesquisar, aprender com os seus erros e como contribui Freire (2014) “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. O quadro 4 apresenta uma comparação entre o ensino convencional e o ensino de empreendedorismo:

Quadro 4: Ensino Convencional X Ensino Empreendedorismo

<b>ENSINO CONVENCIONAL</b>	<b>ENSINO EMPREENDEDORISMO</b>
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo; aprender a aprender.
Conduzido e dominado pelo instrutor.	Apropriação do aprendizado pelo participante.

O instrutor repassa o conhecimento.	O instrutor como facilitador e educador; participantes geram conhecimento.
Aquisição de informações “corretas”, de uma vez por todas.	O que se sabe pode mudar.
Currículos e sessões fortemente programados.	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades.
Objetivos do ensino impostos.	Objetivos do aprendizado negociados
Prioridade para o desempenho.	Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho.
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamentos divergentes.	Conjecturas e pensamentos divergentes vistos como parte do processo criativo.
Ênfase no pensamento analítico e linear, parte esquerda do cérebro.	Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade do cérebro esquerdo através de estratégias holísticas, não-lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos. Conhecimento teórico e abstrato.
Conhecimento teórico e abstrato.	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela.
Resistência à influência da comunidade	Encorajamento à influência da comunidade.
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar.	Experiência interior é o contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação.
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel.	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola.
Erros não aceitos	Erros como fonte de conhecimento.
O conhecimento é o elo entre aluno e professor.	O Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância.

Fonte: Dolabela, (2008)

Ensinar não é transferir conhecimento, destaca Freire (2014):

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- a de ensinar e não a de transferir conhecimento (Freire, 2014, p. 47)

Sendo assim, é importante que o professor estabeleça uma relação de troca com o educando, ele será apoiado e estimulado a tomar decisões e a entender livremente o papel do erro na construção do conhecimento. Pode-se trabalhar com recursos teatrais, jogos, dinâmicas, filmes entre outros. Além disso, a relação que o aluno estabelece com o mundo é uma grande fonte de conhecimentos. A função do professor pode ser entendida como a de alguém que provoca o desequilíbrio por meio de perguntas, desafios e questionamentos. (DOLABELA, 2003)

A partir de 2006, as micro e pequenas empresas estão recebendo uma visibilidade muito grande por sua capacidade de gerar empregos, Dolabela (2003) afirma que desperta atenção o sistema educacional ainda não ter revisto suas bases a fim de conseguir dar conta do novo ambiente. Além disso, destaca que:

A ação empreendedora caracterizada desde sempre pela capacidade de gerar novos conhecimentos a partir de uma base da experiência de vida do indivíduo (não só do saber técnico-científico ou *know-how*) deixa de ser exceção e torna-se uma necessidade para todos, “o tino para negócios”, traduzível como capacidade de identificar oportunidades, perde o *status* de talento inexplicável, dádiva genética ou dom divino para se tornar uma habilidade essencial a indivíduos e coletividades, tão apreensível quanto qualquer outra competência, mesmo que isso ainda esteja longe de parecer óbvio para boa parte dos meios acadêmicos brasileiros (Dolabela, 2003, p.22)

Dessa forma, pode-se notar a importância do estudo das oportunidades fazerem parte do currículo escolar, mas infelizmente, a educação formal ainda não tomou consciência sobre sua importância. É necessário que esta aumente e atualize seu currículo, promovendo uma formação que pense além dos conhecimentos técnicos e científicos (DOLABELA, 2003).

### 3.1 PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM - PAULO FREIRE E DOLABELA

Paulo Freire é conhecido como o Patrono da Educação brasileira, filósofo e educador. É muito conhecido pelo seu “método Paulo Freire da alfabetização” e seu trabalho com a educação de jovens e adultos (EJA). Fez crítica a educação bancária, método que considera o educador o detentor do conhecimento, mantendo uma relação vertical com o aluno que apenas recebe as informações passadas. Desse modo, atrapalhando o desenvolvimento crítico, autônomo e criativo dos educandos.

De acordo com Pacheco *et al.* (2006), é possível encontrar uma relação entre as ideias de Paulo Freire e Fernando Dolabela. Os dois autores levantam discussões sobre questões educacionais, tentando de alguma maneira, sugerir práticas pedagógicas para solucioná-las. Eles se preocupam em mostrar que transformar a realidade que se vive e realizar mudanças é possível.

Para Freire (2014):

O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los, mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. [...] Ninguém pode estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade (FREIRE, 2014, p. 75)

Portanto, Paulo Freire chama isso de utopia, acredita que para a intervenção na realidade as pessoas precisam primeiramente ter consciência de sua realidade vivida, e assim, serão motivadas a buscar outra realidade idealizada. Já na visão de Dolabela (2003) a busca pelo sonho é o que motiva a transformação.

Sonho de ser livre, de expressar ideias, de ficar rico, de estudar, de viajar. Sonho de ser feliz... O mesmo sonho sob diferentes formas, que, a bem da verdade, a maioria não consegue realizar em nosso país. E a tal ponto as pessoas são excluídas das condições para melhorar de vida que desaprendem de sonhar (DOLABELA, 2003, p. 13)

A pedagogia de Paulo Freire luta por uma educação que desenvolva a criticidade, que mantenha uma relação de diálogo entre o educador e educando, que as experiências que os alunos levam para a sala de aula sejam valorizadas porque nenhum aluno é uma folha em branco. Acredita que ensinar não é transferir conhecimento, mas permitir, propiciar, possibilitar que a construção do conhecimento aconteça.

Freire defende uma educação que incentive a liberdade e autonomia dos alunos, sendo contra a ideia de que o professor é detentor de todo o conhecimento. Segundo Freire (2014) ensinar necessita que o professor sempre pesquise e estude, que seja crítico, que o professor esteja disposto aberto a mudanças, que seja comprometido, que tenha bom senso, como pode-se observar no quadro 5, alguns pontos do livro Pedagogia da autonomia:

Quadro 5: Capítulos do Livro Pedagogia da Autonomia

Ensinar exige rigorosidade metódica	Ensinar exige apreensão da realidade
Ensinar exige pesquisa	Ensinar exige alegria e esperança
Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos	Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível
Ensinar exige criticidade	Ensinar exige curiosidade
Ensinar exige estética e ética	Ensinar é uma especificidade humana
Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo	Ensinar exige comprometimento
Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação	Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade
Ensinar exige o reflexão crítica sobre a prática	Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo
Ensinar exige o reconhecimento e assunção da identidade cultural	Ensinar exige liberdade e autoridade
Ensinar exige bom-senso	Ensinar exige tomada consciente de decisões
Ensinar exige consciência do inacabamento	Ensinar exige saber escutar

Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado	Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica
Ensinar exige o respeito à autonomia do ser do educando	Ensinar exige disponibilidade para o diálogo
Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores	Ensinar exige querer bem aos educandos

Fonte: Pedagogia da Autonomia, FREIRE, (2014)

Portanto, é visível o quanto Paulo Freire considera importante o papel do professor no processo de ensino aprendizagem, que é quem torna a sala de aula um ambiente propício a novas experiências e trocas. Dolabela também fala sobre a relevância do educador, cita:

Na Pedagogia Empreendedora, a ênfase no autoaprendizado não diminui o âmbito de ação do educador. Pelo contrário, aumenta sua importância, já que cabe a ele ampliar as referências e fontes de aprendizado e redefinir o próprio conceito do saber. O que muda em relação ao ensino convencional é a posição do professor como detentor do saber, assim como as estratégias para aquisição do saber empreendedor (DOLABELA, 2003, p. 103).

Entende-se que é possível relacionar as ideias de Freire e Dolabela, investindo em uma educação que leve o aluno a reflexão, a criticidade, a criatividade, ao autoconhecimento, trabalhando sua autoestima e autonomia, que são também consideradas habilidades empreendedoras.

### 3.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um documento que norteia a prática de ensino das escolas, contendo nele suas diretrizes, valores, metodologias, planos de ação e a sua identidade. Também funcionando como um instrumento de planejamento para as escolas, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e de alcançar os objetivos da instituição.

O Planejamento é uma etapa indispensável para a organização de toda a escola, servindo como guia para a construção de aulas, projetos e deixando explícito a toda a comunidade escolar quais são as intenções pedagógicas da LexCult, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 9-36, maio/ago. 2023

escola. Porém, muitas escolas ainda não valorizam a elaboração desse documento.

No PPP é preciso que a escola descreva suas intenções, sua proposta curricular, a formação dos professores e a gestão administrativa. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (LDB) conforme descrito nos artigos 12, 13 e 14 a instituição possui autonomia para construir o seu projeto político pedagógico permitindo a participação dos professores na elaboração do documento.

Infelizmente, é possível observar que algumas escolas ainda não reconhecem a verdadeira importância da elaboração desse projeto. Assim, ao realizar só por ser um documento obrigatório pela legislação e deixar para construí-lo em cima do prazo faz com que o documento perca seu objetivo e não seja usado como um instrumento de planejamento da escola.

Segundo Longhi e Bento (2006) o Projeto deve ser construído coletivamente, contando com a participação dos familiares, alunos, professores, gestão administrativa, financeira, pedagógica, ou seja, toda a comunidade escolar. Para, assim, a escola conseguir expor no documento a identidade de toda a comunidade escolar, e não só de um grupo específico da escola. Desse modo, afirma Gandin:

O planejamento participativo parte de uma leitura do nosso mundo na qual é fundamental a ideia de que nossa realidade é injusta e de que essa injustiça se deve à falta de participação em todos os níveis e aspectos da atividade humana. A instauração da justiça social passa pela participação de todos no poder. Isto quer dizer que a construção de uma sociedade nova, a superação da crise, se quisermos seguir no mesmo modo de falar, passa pela participação de todos. (Gandin, 2016, p. 28)

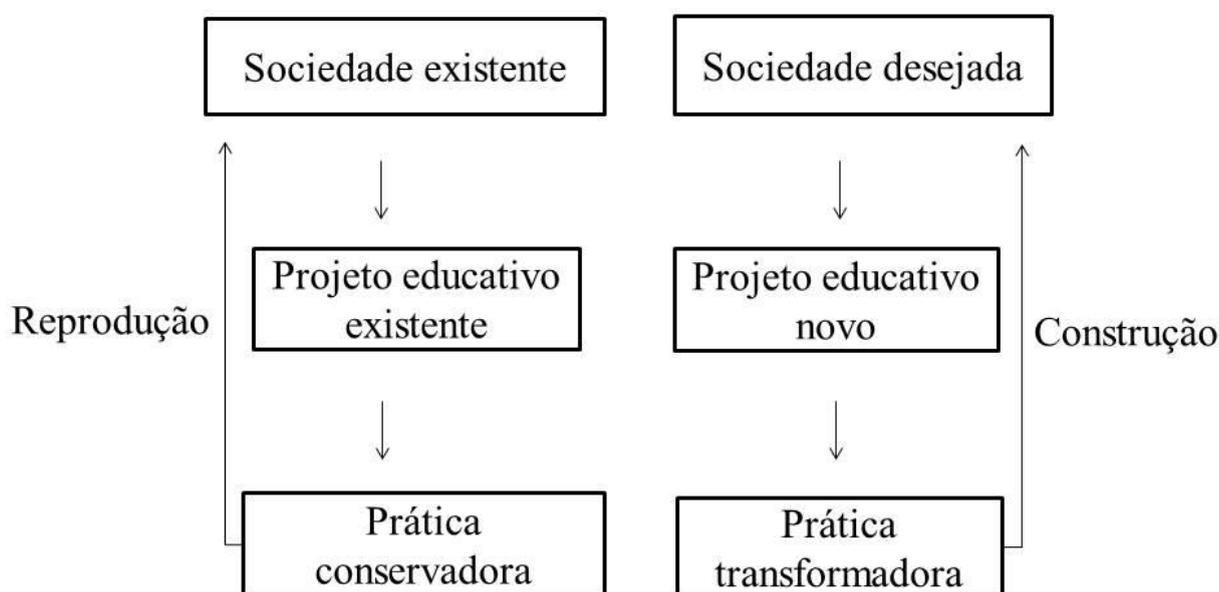
Entende-se que essa construção participativa auxilia na instauração da justiça social, oportunizando a todos a participação do poder. Esse projeto sendo realizado de forma organizada e cuidadosa pode contribuir positivamente para toda a comunidade escolar, facilitando que a instituição alcance os seus objetivos e promovendo qualidade de ensino.

Portanto, ao perceber que o PPP é um documento fundamental dentro das escolas, é possível afirmar que se a mesma decidir trabalhar com a educação LexCult, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 9-36, maio/ago. 2023

empreendedora seria de grande valia acrescentar no projeto pedagógico. Sendo importante ressaltar que segundo Dolabela (2003) a Pedagogia empreendedora promove mudanças culturais dentro das salas de aula.

De acordo com Dolabela (2003) quando a escola decidir inserir essa educação na escola será necessário que toda a equipe se prepare para as ações futuras, repensando em novas metodologias e projetos, assim como pode se observar na figura 1:

**Figura 1:** Construção do Projeto



Fonte: Gandin, 2016, p. 19

Então, de acordo com Gandin (2006) a figura demonstra dois exemplos da prática nas escolas. De um lado, um projeto pedagógico baseado em uma reprodução e conservadorismo, e de outro, um projeto baseado na construção da sociedade em que se deseja. Ao refletir em uma educação empreendedora, é fundamental pensar em novas atitudes.

#### 4 METODOLOGIA

Quanto à tipologia, este trabalho tem caráter teórico empírico e de ordem

primária. Quanto à forma de abordagem, o trabalho apresenta caráter qualitativo que, segundo Godoy (1995), “O pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes”.

Quanto aos objetivos, o trabalho é exploratório e descritivo. Exploratório porque segundo Gil (2002) “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Descritivo porque, conforme Gil (2002), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

O trabalho apresenta características bibliográficas, estudo de caso e pesquisa de campo. Bibliográfica porque, segundo Gil (2002), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Estudo de caso que, de acordo com Gil (2002), “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

Já a Amostra foi realizada por conveniência, segundo Malhotra (2001) “A amostragem por conveniência procura obter uma amostra de elementos convenientes. A seleção das unidades amostrais é deixada em grande parte a cargo do entrevistador”.

## **5 ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Segundo Bardin (1977) “As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”.

Foi elaborado um instrumento de coleta para o estudo; a estruturação das perguntas para que se consiga uma resposta a ser analisada à luz da pergunta de pesquisa; a formulação dos objetivos a serem alcançados; e por fim o recorte da literatura para análise das respostas obtidas no instrumento de coleta.

Conforme a mesma autora, a exploração do material se deu na interpretação do questionário aplicado na qual possibilitou à acadêmica sua LexCult, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 9-36, maio/ago. 2023

interpretação e inferir de forma crítica e analítica no que tange às respostas obtidas. Na terceira fase é que se estabelece o tratamento e análise dos resultados, em que se realizou a sintetização das respostas e tratamento das informações.

Para responder à pergunta de pesquisa: De que forma a educação empreendedora pode desenvolver Competências, Habilidades e Atitudes em alunos do ensino fundamental? Foi aplicado o instrumento de coleta, questionário com perguntas estruturadas previamente estabelecidas e enviadas de forma eletrônica para grupos de professores envolvidos com a temática de empreendedorismo nas escolas públicas e privadas.

O instrumento de coleta foi enviado para esse grupo de professores de escolas públicas e privadas do município de Niterói em que a disciplina sobre empreendedorismo é aplicada aos estudantes dos Anos Iniciais do Fundamental. Foram recebidas 6 respostas. É notório que pesquisa realizada por meio eletrônico não obtém um resultado satisfatório, haja vista ser do interesse de quem recebe o formulário em responder tais questionamentos, o problema acontece devido a muitos formulários enviados dos mais variados temas, fazendo com que a adesão tenha baixo impacto. Entretanto, considerou-se um número satisfatório sendo que do ponto de vista qualitativo as respostas contribuíram significativamente para o trabalho, comparado com o número de escolas que trabalham o tema.

Entre os respondentes, 83,3 % são de escolas públicas e 16,7 % de escolas particulares, esses dados mostram que os professores da rede municipal de Niterói atenderam à solicitação do instrumento de coleta enviado. O quadro 6 apresenta as respostas alcançadas pelo instrumento de coleta, as perguntas a são apresentadas após o quadro detalhando as respostas e fazendo um comparativo:

Quadro 6: Respostas Obtidas dos Entrevistados

	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5	Pergunta 6	Pergunta 7
E 1	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
E 2	Sim. Varia de professor para professor.	Gastos	No EF não apresentam muita autonomia.	Esperam muito pelas diretrizes, mas ao final gera	Cansaço, mas ao final é recompensad	Visibilidade e uma sociedade melhor

				algun aprendizado.	or.	preparada para desenvolver a cidadania.
E 3	Sim. São oferecidas palestras para os alunos sobre empreendedorismo.	Falta de recursos.	Regular para bom.	Há parte dos alunos que mostra interesse, mas precisa de mais oportunidades para colocar em prática	Bom. Pois, oferece aos nossos alunos uma oportunidade de ser inserido no mercado, sendo no futuro um empreendedor.	Satisfatória. Pois a sociedade precisa de oportunidades, e mais empreendedorismo
E 4	Falta de infraestrutura necessária a grandes acontecimentos! Um certo despreparo do pessoal, tanto de apoio como pedagógico que não modifica as estruturas de pensamento e rejeita tudo que é novo! Existe também a falta de participação de colegas, seja porque trabalham em 4 ou 5 escolas, seja porque não veem nos projetos uma razão para existirem! A barreira entre a teoria e a prática é enorme!	Inicialmente não gostam! Poucos participam! Muitos não entendem o porquê do envolvimento nos projetos! Basicamente poucos participam das oficinas. São imaturos demais para perceber que o futuro bate à sua porta!	Quase nenhuma. Esses projetos nem apetezem não escola!	Além do cansaço físico e mental de lidar com a indisciplina dos alunos, a falta de vontade deles em participar, existe muito pouco incentivo por parte do corpo docente e da direção! As diretorias regionais querem fotografar sucesso, não tentativa e erro! E normalmente "roubam" ideias excelentes de professores e escolas para si, ficando com os louros da vitória!	Poucos alunos conseguem um trabalho dentro daquilo que foi empreendido! Como falei, poucos projetos, ou nenhum, acontecem nas escolas!	Falta de infraestrutura necessária a grandes acontecimentos! Um certo despreparo do pessoal, tanto de apoio como pedagógico que não modifica as estruturas de pensamento e rejeita tudo que é novo! Existe também a falta de participação de colegas, seja porque trabalham em 4 ou 5 escolas, seja porque não veem nos projetos uma razão para existirem! A barreira entre a teoria e a prática é enorme!
E 5	Organização, planejamento, financiamento.	Não temos projetos empreendedores.	Nenhum	Infelizmente nenhum. Mas gostaria muito de ter essa experiência.	Nenhuma, mas com certeza vai ser a melhor possível.	Organização, planejamento, financiamento.

E 6	Eu não sinto dificuldade por ter uma apostila que seguimos com orientações.	Se sente meios tímidos porém com o decorrer conseguem fazer as atividades, se engajando com a dinâmica	Satisfatório.	Um projeto de grande importância onde se pode explorar habilidades diferentes.	Um cidadão melhor.	Eu não sinto dificuldade por ter uma apostila que seguimos com orientações.
--------	---	--	---------------	--	--------------------	---

Fonte: Elaborado pelos autores

O quadro acima apresenta como os respondentes se comportaram em relação às perguntas

**Pergunta 2: Na escola em que trabalha, há projetos empreendedores? Como é feito o processo de aplicação na disciplina empreendedorismo na escola?** Obteve-se as seguintes respostas: são ofertados pelas escolas palestras sobre o tema, apostilas que servem como orientação, através de planejamento financeiro e organização.

**Pergunta 3: Quais as principais dificuldades enfrentadas na aplicação de projetos Empreendedores dentro e ou fora da escola?** Obteve-se as seguintes respostas: Apresentaram dificuldades com os gastos, com a falta de recursos das escolas, com a falta de infraestrutura, com o despreparo do setor pedagógico para trabalhar essa temática, a dificuldade de investir em coisas novas e a colocar em prática a teoria.

**Pergunta 4: Como os alunos reagem inicialmente aos projetos empreendedores e ao conteúdo apresentado e como você avalia a participação deles nas oficinas do projeto?** e na pergunta **5: Quais foram os impactos e resultados obtidos com a aplicação do projeto Empreendedores?:**  
a) Para o aluno. As respostas atingidas: Alguns alunos apresentaram interesse e outros não, foi relatado que é preciso proporcionar mais oportunidades de contato com essa disciplina. Demonstrou-se nas respostas que a falta de interesse pode estar ligada à falta de motivação, podendo ter relação ao ambiente em que vivem ou a falta de motivação do corpo docente da escola. O ensino fundamental de qualidade nas escolas pública é um direito de todos, mas segundo IOSIF (2007):

“[...] oferece uma escola pública que privilegia uma aprendizagem mecânica e fraca em detrimento do pensamento crítico, global e

autônomo, com professores, gestores e coordenadores pedagógicos desestimulados e desqualificados, com precárias condições de trabalho, sem o apoio institucional e da comunidade e com alunos desmotivados para aprender.” ( IOSIF, 2007, p. 8)

É necessário empenho para provocar nos alunos a vontade de aprender, trazendo comportamento empoderador e autônomo sobre seus sonhos e seu futuro.

**Pergunta 6: Quais foram os impactos e resultados obtidos com a aplicação do projeto Empreendedores?:** b) Para o professor. De acordo com as respostas conquistadas: foi um trabalho cansativo, mas que valeu a pena pelos resultados alcançados.

**Pergunta 7: Quais foram os impactos e resultados obtidos com a aplicação do projeto Empreendedores? :** c) Para a sociedade. Foi possível observar nas respostas que amplia a visão de mundo, trazendo um olhar crítico e uma sociedade mais bem desenvolvida, capaz de enxergar oportunidades para empreender em sua própria vida.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o empreendedorismo segundo Dolabela (2003) é importante no início da vida para que desperte “o protagonismo, iniciativa, criatividade, rebeldia a padrões impostos, comprometimento, liderança, imaginação, orientação para o futuro, capacidade de diferenciar [...]” (p. 58). São atitudes e comportamentos que podem ser estimulados por meio de emoções.

Entretanto, o que a pesquisa revela que as escolas não possuem estrutura e as crianças não são motivadas, o que pode configurar o meio em que vivem, ou seja, a influência da estrutura familiar e da escola em que frequentam. Outro fator a ser considerado é o despreparo por parte dos professores ao tratarem do tema, o despreparo pode ser a formação dos currículos dos cursos de pedagogia não haver direcionamento para formação empreendedora.

Outro fator percebido na resposta do questionário aplicado é um cansaço físico e mental devido a longa jornada desenvolvida pelos professores no exercício da profissão, muitos lecionam em diversas escolas, e se limitam somente na

transferência de conhecimentos sem desenvolver projetos. Ainda é visto a criança inquieta como indisciplinada, há um querer de sala sala comportada, na qual o professor fala e o aluno responde. O empreendedorismo requer iniciativa, desenvoltura, proatividade, é manter um caos organizado no desenvolvimento de ideias e soluções empreendedoras.

Há um esperar de que a direção traga os planejamentos a serem desenvolvidos, e muitos professores responderam não desenvolver ideias mais criativas, pelo não reconhecimento.

Algumas escolas no âmbito privado possuem programas no qual as crianças realizam projetos voltados para planejamento financeiro, compreensão de gastos e o reconhecimentos do valor das “coisas”, entretanto faltam projetos voltados para se pensar o futuro, empreender em algo, muito se faz no sentido de perguntar a criança “o que ela quer ser quando crescer” sem mostrar o caminho, a pergunta a ser feita deve estar voltadas para o que a criança sonha, quais desejos, e a partir do sonho, experienciar situações e criar soluções para problemas que serão encontrados na realização de projetos.

A limitação da pesquisa se deu pelo tamanho da amostra, o que se propõe para trabalhos futuros é ampliar a pesquisa, buscando um número maior de professores respondentes. Sugere-se que, para trabalhos futuros, amplie-se a pesquisa para outras cidades da região para verificar o comportamento e o desenvolvimento das competências e habilidades das crianças, para fazer o comparativo em grupos sociais diversificados.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Djanine Almeida. A Pedagogia Empreendedora na Educação Básica Brasileira. **Núcleo do conhecimento**, ano 3, v. 3, n. 3, p. 1-36, mar., 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/pedagogia-empresendedora>. Acesso em: 14 jul. 2020.

ANDRADE, Mariza. **Investigação sobre a transição dos alunos do ensino fundamental I para o ensino fundamental II**. Londrina, p. 1-39, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2011%20MARIZA%20ANDRADE.pdf>. Acesso em: 27 maio 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Lisboa, 1997.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Editora de Cultura, LexCult, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 9-36, maio/ago. 2023

2008.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

FILION, Louis Jacques. **Empreendedorismo: Empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios**. São Paulo, p. 5-28, jun. 1999. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18122/empreendedorismo--empreendedores-e-proprietarios-gerentes-de-pequenos-negocios>. Acesso em: 27 maio 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2014

GANDIN, Danilo. **A prática do Planejamento Participativo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa**. RAE - Revista de administração de empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1 fev., 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2020.

IOSIF, Ranilce Mascarenhas Guimarães. **A qualidade da educação na escola pública e o comportamento da cidadania global emancipada: implicações para a situação de pobreza e desigualdade no Brasil**. Orientador: Pedro Demo. 2007. Tese (Doutorado) - Curso de Política Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2560/1/Tese\\_RanilceMascarenhasGlosif.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2560/1/Tese_RanilceMascarenhasGlosif.pdf). Acesso em: 10 nov. 2020.

KRAMER, Sonia. **O papel social da educação infantil**. [S. l.: s. n.], 1999.

LONGHI, Simone Raquel Pagel; BENTO, Karla Lucia. **Projeto político-pedagógico: uma construção coletiva**. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, p. 173-178, jul./dez., 2006. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Pedagogia/aPPP.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/aPPP.pdf). Acesso em: 29 set. 2020.

LOPES, Rose Mary A. **Educação Empreendedora: Conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2010.

LOPES, Rose Mary Almeida; TEIXEIRA, Maria América de Almeida. Educação Empreendedora no Ensino Fundamental. In: LOPES, Rose Mary Almeida (org) **Educação Empreendedora: conceitos, modelos, práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: SEBRAE, capítulo 3, p. 45-66, 2010.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa em Marketing**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2001.

MORAES, Roselaine Monteiro. **Educação Empreendedora no Ensino**

**Fundamental**: uma investigação sobre o Programa de Educação Empreendedora Sebrae – Jovens Empreendedores Primeiros Passos – JEPP em Pejuçara, RS.

Orientador: Artur Eugênio Jacobus. 2019. Tese (Mestrado) - Curso de Gestão Educacional. Universidade do Vale do Rio Sinos, Porto Alegre, 2019.

Disponível em:

[http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8980/Roselaine%20Monteiro%20Moraes\\_.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8980/Roselaine%20Monteiro%20Moraes_.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 27 maio 2020.

NASSIF, Vania Maria Jorge; GHOBRI, Alexandre Nabil; AMARAL, Derly Jardim.

**Empreendedorismo por Necessidade: O Desemprego como Impulsionador da Criação de Novos Negócios no Brasil**: Pensamento e Realidade, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 143-168, jan., 2009. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/7075>. Acesso em: 27 maio 2020.

PACHECO, Andressa Sasaki Vasques; PEDRON, Luana Elise; SCHLICKMANN, Raphael; NETO, Luis Moretto. A Pedagogia de Paulo Freire e a Pedagogia Empreendedora. **VI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**, Blumenau, p. 1-11, 15 nov. 2006. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/68117/t0050.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 set. 2020.

PAULA, Andreia Piza; PRACI, Fabiane Caetano; SANTOS, Geslaine Galdino;

PEREIRA, Soeli de Jesus; STIVAL, Maria Cristina Elias Esper. **Transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental: Processo Educacional de Reflexão e Debate**. Revista Ensaios Pedagógicos, v. 8, n. 1, jul., 2018. Disponível em:

<https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/v8/v8-artigo-3-TRANSICAO-DO-5-PARA-O-6-ANO-NO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2020.

PEDRO, Andreia Maria. **Procedimentos para integrar os conceitos de empreendedorismo no ensino fundamental**. 2007. Orientador: Álvaro G. Rojas Lezana. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/89848/246583.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 mai. 2020.

ROCHA, Estevão Lima de Carvalho. **Oportunidade ou necessidade? Um estudo do impacto do empreendedorismo no desenvolvimento econômico**. Regea, Fortaleza, v. 3, p. 21-45, jan./dez., 2014. Disponível em:

<https://periodicos.unichristus.edu.br/gestao/article/view/146/377>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SEBRAE. **Educação empreendedora no ensino fundamental**. 6 dez. 2022.

Disponível em:

<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/educacao-empreendedorano-ensino-fundamental,0c54be061f736410VgnVCM2000003c74010aRCRD> .

Acesso em: 12 ago. 2020.

LexCult, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 9-36, maio/ago. 2023

SOUZA, João Rafael; PEREIRA, Maricélia da Silva; MANGIAPANI, Uriel Vitor; MENDONÇA, Sandro Augusto Teixeira. **O empreendedorismo: A importância da educação empreendedora nas escolas**. FATEB, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 281-306, 3 dez., 2018. Disponível em: [http://www.fateb.br/fateb.cientifica/downloads/2a\\_edicao/artigos/018.pdf](http://www.fateb.br/fateb.cientifica/downloads/2a_edicao/artigos/018.pdf). Acesso em: 10 abr. 2020.

VERGA, Everton; SILVA, Luiz Fernando Soares. **Empreendedorismo: Evolução Histórica, Definições e Abordagens**. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014. Disponível em: <https://www.regepe.org.br/regepe/article/download/161/pdf>. Acesso em: 27 mai. 2020.